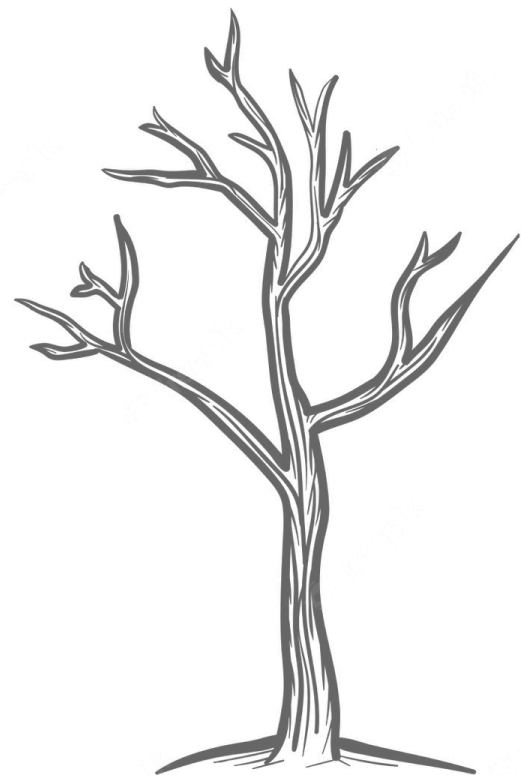


O ENTERRO

COELHO NETO

1912



O ENTERRO

(SERTÃO, PORTO, 1912)

Outubro. O sol, em pleno meio-dia, alargava por todo o campo uma luz fixa e cáustica. Não havia sombra — tudo resplandecia de claridade e um tédio pesado e morno de preguiça parecia apoderar-se das próprias coisas, prendendo-as numa imobilidade morta, de onde nem mesmo o bulir das folhas tirava o doce murmúrio, tão agradável ao ouvido de quem trabalha sob a rude prancha de uma soalheira viva.

Nas escarpas, esterilmente nuas, cabras berravam com melancolia e, de momento a momento, um boi magro surgia entre as palhas secas dos milhos, lento, estafado, banzeiro, esticava o pescoço esfolado pela canga e mugia, ficando depois com o focinho à altura das praganas louras, contemplativo e tristonho, a olhar o céu.

Por baixo, num largo planalto de terra vermelha, limpa de fresco, recentemente dredada, uma charrua arrastava-se ao passo tardo de dois touros.

Do céu quente, sob a radiação neurótica do sol, caía uma paz cansada, e, na vasta planície nua, toda de rastolho, ceifada de extremo a extremo, erguia-se apenas um casebre tosco, baixo, metido dentro de um cercado, à sombra quieta de um mangueiral ramalhoso.

A par da estrada, de um amarelo sujo e peço, orlada de espinhais mirrados, corria, murmuroso e pesado, o rio sonolento, onde a figura solitária de uma lavadeira brandia panos, metida na água até os joelhos. No alto de um monte, fechado de mato intenso, ardia tremulamente, fumarando espirais cor de turquesa nova, um fogo de gravetos.

Para além, andava-se em récuca — gente miúda, pequena como as ervas rentes, diminuída consideravelmente pela distância, mourejava; ouvia-se o chiar prolongado de um grande carro primitivo, que vinha sulcando a terra com as suas rodas compactas, atulhado de lenha.

De repente, uma voz fina partiu a cantar gemedoramente e, antes de morrer de todo, um coro tomou do eco e entoou o mesmo canto, num itornelo grave. Dois homens, a cavalo, surgiram de trás da barranca: em seguida as “madrinhas”, duas vacas mansas, tinindo cincerros, a boiada depois, submissa e vagarosa, turbilhonando o pó vermelho da estrada; por fim, um magote de campeiros, ferrão em punho, cantando dolentemente.

A tropa ganhou o campo. Reboaram gritos de “Eh! Ahu! Eh! Iou! Cá, cá, cá, eou!”. E o gado solto tresmalhou na pastagem, começando, à luz intensa e abafada, o rouco mugir dos touros, um após outro, dois a um tempo, e o galope dos bezerros, enquanto os guieiros, saltando dos lombilhos, desciam na direção

do rio, juntos, ficando um só de guarda. O céu, para os lados do oriente, ia tomando uma cor baça de mercúrio e começava a arejar o escampo uma brisa fraca, trescalando à queima.

Aves piavam e no alto giravam em círculo urubus de atalaia. De vez em quando, no cercado do casebre, um galo soltava a voz estrídula e outros, daqui e de lá, numa sucessão pausada, cocoricavam em resposta.

Rolavam, de longe em longe, como num aviso de tormenta próxima, surdos rumores de trovões; mas a luz, cada vez mais incendiada, cada vez mais escaldante e mais clara, parecia desmentir o anúncio da tempestade.

Revoadas de pombos cruzavam-se com um tatarar sonoro seguindo o rumo do vento, numa batida rápida e, no quintalejo do casebre, um vulto de mulher, alta e fina, estacou entre os capins baixos, levou a mão espalmada à altura dos olhos, fitou a luz e, lentamente, começou a recolher a roupa que corava no verde estendal de grama, enquanto um menino ia e vinha, a correr, carregando à cabeça paveias de capim novo, e as aves domésticas, cacarejando, acoitavam-se debaixo da ramaria frondosa das mangueiras. O vento começava a zurzir as folhas e escurecia com a rapidez com que descem os crepúsculos no inverno.

Um frêmito de claridade percorreu o céu argamassado de nuvens e o rumor trovejante roncou mais forte, mais próximo, mais demorado. O ar pesava sufocante e, de vez em vez, circulava um redemoinho de poeira, em funil, dentro do qual ricocheteavam folhas.

O dobre de um sino encheu momentaneamente o silêncio com a vibração ondulante de um misticismo meigo; outro dobre ressoou mais brando, como se partisse de mais longe, e, logo após, um, forte e claro, conforme as voltas bruscas do vento que soprava grosso.

Dobrava a finados. Era o saimento de Teçaï, velha cabocla septuagenária, descendente dos fortíssimos goitacás, nascida e criada nesse lugar, primitivamente chamado a “Taba de Itamina”, pelo constante fogacho que ardia no monte, que diziam ser a alma pagã de Tagiira, morta ao trocar o seu primeiro beijo, fulminada por Tupã, justamente quando ia entregar a sua virgindade à volúpia brutal de um aventureiro branco.

A gente simples de Itamina respeitava e temia a velha Teçaï, uns pelas suas pragas e malefícios, outros pelo terror da lenda que se criara em torno do seu nome.

“Teçaï, a mãe das lágrimas”, diziam em trovas os poetas simples da serra, “era filha da yara poranghi, fecundada por um raio da lua nova de agosto. Nascera em uma sexta-feira, à noite, à hora do primeiro cantar do galo. Na mocidade seus olhos tinham o poder de envenenar os homens e eram tão

fortes que, se se levantavam para o céu, as estrelas de Deus caíam moribundas”. Era por isto que, em Itamina, à noite, quando esfuziava uma estrela cadente, os rústicos, persignando-se, diziam:

– Mais uma vítima dos olhos de Teçaï!

Os que conheceram a moça falavam com elogios da sua grande beleza, mas ninguém se gabou jamais de a ter possuído. Sobre os seus cabelos corria uma tradição ingênua e poética. Dizia uma canção:

“Nos cheirosos cabelos de Teçaï, negros, longos e sedosos, nascem rosas e cravos, lírios e bogaris.

“A cabeça de Teçaï é como um jardim cuidado — as flores das suas tranças dormem em botões fechados e, pela manhãzinha, justamente como as do campo, acordam desabrochadas.”

A poesia popular inspirava-se na estranha paixão da índia pelas flores: porque ela andava sempre toucada de ramalhetes, entraram a dizer que eles nasciam nos seus cabelos.

À noite, os que viajavam, passando à beira do rio, achavam-na a bailar, falando à lua e às águas numa linguagem singular. Durante o dia, cultivava sua horta junto à igreja.

Sucumbira de velhice, diziam, e lá ia o seu enterro triste, acompanhado por um borrego malhado, seu único amigo, e os que a levavam; ninguém mais. O sino, entretanto, gemia pela pagã, a igreja abençoava a bárbara, mas o céu, a mais e mais fechado, parecia trancar-se para não receber a alma infiel da índia feiticeira, cujo corpo encarquilhado ia a caminho da cova, ao tinir da sineta e ao triste balar do borrego, deitado na rede que ela mesma tecera, que nem um caixão lhe deram os piedosos cristãos de Itamina.

Súbito, um clarão instantâneo iluminou o campo; durante uma pausa, o sino vibrou choroso, mas um formidável estrondo atroou os ares, abalando a terra; outro, logo em seguida, com um estalar de raio. Os bois assustados deitaram a correr aos galões, através da planície. Num ápice, todos os campeiros montaram e, a um grito, partiram rebolando o sedenho, cravando de rijo as chilenas, atrás do gado que se sumia, perseguido pelos roncões da tormenta, na direção de um vale seco, cavado entre as rochas. Mas a chuva varreu o campo, grossa, rabanando, açoitada por um vento desabrido que se levantara. Sucediã-se os relâmpagos e os trovões ribombavam. Longe, os gritos dos campeiros que afrontavam a tempestade brandindo os compridos ferrões e, além, o borrego da defunta, parado, indeciso, balando sob o aguaceiro, a olhar comovedoramente os homens que corriam sacolejando a morta dentro da velha rede.

Sereno, tranquilo, continuando a bater à porta do céu com a sua prece, o sino, entretanto, insistia em seu ofício de religioso, triste, no púlpito do campanário, rezando pela morta o seu piedoso Réquiem.

